



Transformações do vínculo amoroso na pós-modernidade

Sílvia Barros da Silva Freire*

A discussão sobre as relações interpessoais na contemporaneidade tem sido tônica de muitos estudos culturais e científicos. As relações entre os gêneros, os encontros amorosos e sexuais são alvo de análises e críticas pela intensa transformação por que passam.

O presente trabalho é uma breve análise de três contos contemporâneos que integram as coletâneas *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004) e *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005), ambas organizadas por Luiz Ruffato. Faremos nossa leitura sob o ponto de vista dos vínculos amorosos na pós-modernidade. O objetivo é observar se as autoras optaram por representar relações mais conservadoras ou mais inovadoras, em consonância com a tendência atual da rapidez e multiplicidade nos relacionamentos.

“Psycho” – da rapidez à permanência

O conto de Clarah Averbuk apresenta já em seu título a rapidez das relações contemporâneas. “Psycho” pode nos remeter a distúrbios emocionais e psicológicos, o que está diretamente ligado ao modo como a protagonista do conto se descreve: uma “escritora bêbada, perdida em uma cidade enorme e sem nenhum lugar decente” (2004, 23).

* Mestre em Literatura Brasileira (UFRJ).

Como tantas outras, a personagem é uma ermitã cosmopolita. Vagando pela metrópole, buscando formas de ganhar dinheiro e (des)encontrando amores. Uma de suas fugas são as drogas receitadas pelo médico, marca da vida atual, em que a saúde se tornou objeto de consumo, em que os corpos e mentes são comprados.

Logo no início do conto aparece a frase que muda a vida da personagem: “Então eu me apaixonei” (p. 23). Pode parecer clichê que o fato de estar apaixonada mude a vida de alguém, mas é exatamente essa reflexão que o texto proporciona. Uma personagem típica de nossa cultura vivendo uma grande contradição: buscar a felicidade no amor idealizado, no relacionamento perfeito, capaz de trazer a plenitude que todos buscamos, num mundo em que as relações são cada vez mais fugazes.

O relacionamento se inicia logo no primeiro encontro, e como uma consequência de decisões rápidas e impensadas, a protagonista se vê degradada com a chamada “ressaca moral”, como podemos ver no seguinte trecho:

No dia seguinte ela não estava lá e foi lindo, foi como voltar para casa depois da guerra, com uma janela aberta na minha alma claustrofóbica, nós dois girando no meio dos discos, nós dois grudados, nós dois um. Então ele estragou a minha noite falando que era devotado à namorada. Devotado. Apagaram a luz, fecharam a porta. Devoção. Eu também já fui devotada, mas pelos motivos certos. E pela pessoa errada. Fui embora a pé, sozinha, falando sozinha na rua de manhã. Sozinha. Bêbada. Quase sem memória (p.24).

Ela vaga pela cidade, sentindo-se diminuída por não ser capaz de ter o amor exclusivo do homem que deseja.

Entretanto, irá ocorrer uma virada na vida da personagem, pois na próxima página descobrimos que o caminho para onde a narrativa vai é justamente o oposto das relações descartáveis. Isso ocorre em dois movimentos: no primeiro, ela aceita relacionar-se com o rapaz apesar de não ser a única mulher em sua vida, marca que pode ser lida como uma forma de viver o amor de forma não convencional, acumulando relacionamentos e descartando-os.

No segundo movimento, contudo, as personagens demonstram não corresponder a essa configuração de relacionamento pós-moderno, sofrendo com a situação em que se encontram:

Ele chorava e dizia que não queria fazer ninguém sofrer. Eu olhava e queria chorar também, porque todo mundo estava sofrendo demais e tudo era horrível e lindo. Ele dormia comigo e saía correndo de manhã, morrendo de culpa (p. 26).

Com a consolidação do relacionamento, esse conflito amoroso ganha desenlace com ares conservadores:

Até que ele ficou. Quatro, cinco da tarde de segunda-feira. Ele ficou. O dia inteiro enroscado nos lençóis comigo, a noite inteira e mais uma manhã. Foi ficando. Voltava todos os dias. Nunca mais foi embora. Agora ele está ali, deitado na cama, na nossa cama, cuidando da nossa filha enquanto os ônibus passam. E a síndica parou de reclamar (p. 26).

Por fim, o casal se une, implicitamente casa-se, formando uma família. A vida de nossa escritora bêbada e perdida se ajusta aos moldes tradicionais, que dão segurança e tranquilidade. Tranquilidade também representada pelo nascimento de uma filha, já

que a maternidade pode simbolizar, em nossa cultura, o início de um amadurecimento físico e psicológico.

“Por acaso” – reflexão das relações contemporâneas

Assim como a personagem de Clarah Averbuk, a protagonista de Nilza Resende não tem nome. É mais uma mulher vivendo a contemporaneidade, pensando sobre seu papel de mulher, sobre as formas como o amor se configura em sua vida entre um momento e outro do agitado cotidiano.

O carro sai deslizando no asfalto (não tanto, há crateras nas ruas do bairro), e eu vou vendo, às vezes e sentindo às vezes que não vejo para também não sentir, mas há, logo ali, há uma criança deitada no chão, ela está nua e tem uma chupeta velha na boca... (2004, 279).

Vendo uma criança de rua, a personagem se percebe em meio a uma rede de relações das quais todos participamos, mas nem todos tomamos consciência. Em suas reflexões sobre o amor, se apresentam diversos pensamentos a respeito da vida contemporânea no mundo ocidental:

[...] num mundo globalizado, fale do que todo mundo fala, sinta o que todo mundo sente, seja o que todo mundo é. Portanto, não tenha medo, darling, é o amor que gira a vida, é do amor que todos falam: as novelas falam, os romances falam, as canções falam, as revistas falam, a sua vizinha fala (p.278).

A reflexão da personagem se associa às ideias de Bauman (2004), teórico que fala sobre as relações contemporâneas de con-

sumo e de relacionamento. Para ele, um dos traços mais importantes desse momento em que vivemos é a contradição. A dicotomia manutenção-variação. Ao mesmo tempo que é vendida a ideia do descartável, de que devemos variar os amores, os assuntos, a moda, essa tendência está ligada à padronização das atitudes e dos pensamentos.

Entre esses bens consumíveis, de acordo com o sociólogo e até mesmo com a reflexão da personagem do conto, estão as pessoas. Indivíduos consumindo uns aos outros por meio das relações afetivas e sexuais. Ainda segundo Bauman, o desejo, ou seja, a vontade de consumir também é um impulso autodestrutivo, uma vez que, ao mesmo tempo que trocamos, somos trocados. Como a mulher que dentro do táxi pensa sobre amores passados, consumos e sofreres.

[...] rapidamente me olho no espelho, dou um jeito na cara amassada pela fronha bordada à mão (resquício do primeiro casamento, quando ainda se fazia enxoval – sim, enxoval! – e se acreditava em amor eterno)... (p. 279).

A percepção de que ainda temos impresso em nós (de fato, na pele do rosto da mulher que dormiu sobre a fronha bordada) muito da cultura tradicional nos causa surpresa, pois frequentemente acreditamos que ela está muito longe.

Temos uma relação dialética entre os dois momentos histórico-culturais: ao mesmo tempo que a personagem põe a crença na eternidade do amor como fato passado, vive sob o jugo dessa ideologia. Isto quer dizer que nos momentos de ruptura ainda estamos imersos nos antigos paradigmas, pois precisamos deles para nos opor ao que se está culturalmente construindo na contemporaneidade.

“Vício de roteiro” – reconfiguração da família contemporânea

O conto de Ana Teresa Jardim nos traz uma outra característica marcante das relações amorosas na pós-modernidade: a reconfiguração familiar. A personagem principal do conto, a roteirista Júlia, vive em uma rede familiar já muito comum nos meios urbanos.

Com 26 anos, Júlia se casara com Antônio. Durante o início do casamento, trabalhava e viajava muito, deixando seu filho aos cuidados de sucessivas babás. Na hora da separação, Antônio, sem que ninguém esperasse, entrara na justiça obtendo a custódia do menino. Sentindo-se culpada, Júlia não protestou. Mas, com o passar do tempo, as relações entre Antônio e ela haviam melhorado, até que, recentemente, ele havia concordado em custódia conjunta. Nesse meio tempo, ele se casara com Heloísa, que Júlia ainda não conhecia (2005, 115).

Nesse parágrafo, já temos diversos dados de mudança de paradigmas. Desde um dos mais consolidados entre nós, que é o divórcio, até uma outra mudança ainda em negociação: a criação dos filhos pelos pais e não pelas mães. Júlia, ao contrário da esposa/mãe tradicional, passava a maior parte do tempo fora, dando atenção à carreira, o que fez com que fosse negligente com a criação do filho, dando margem para que seu ex-marido ficasse com a guarda do menino.

As responsabilidades do lar e das crianças são, na cultura patriarcal, funções exercidas pela mulher. Com o crescimento dos movimentos feministas e a inserção da mulher no mercado de trabalho, a contratação de babás e creches foi se tornando cada vez mais comum. Contudo, ainda havia tempo para os filhos e, em caso de separação, era quase indiscutível que eles deveriam ficar com a mãe.

Com a crescente reivindicação por igualdade dos cargos e na jornada de trabalho, à medida que passou a ser ainda mais difícil ser mãe presente, tornou-se cada vez mais comum dar a guarda dos filhos ao pai, nos casos de separação mais recentes. No conto, Júlia chega a uma situação ainda mais radical: passa dois anos sem ver o filho, fato impensado para as mães da família tradicional, pois elas só se separavam de seus filhos quando eles se casavam.

Na narrativa de Ana Teresa Jardim, a nova esposa de Antônio, ex-marido de Júlia, a ajuda na criação de seu filho, além de se tornar sua amiga e confidente, o que também aponta para um novo modelo de família.

Além disso, Júlia se casa com um homem mais novo que fora seu aluno:

Há dois anos havia conhecido Edgar Fonseca, seu aluno em um curso de roteiro em Nova York. Seis meses depois estavam casados. Edgar se preparava para ser diretor de cinema. Tinha talento, charme e um entusiasmo sério e infantil que se adequava à profissão (p. 114).

Há aí duas quebras de expectativa a respeito dos papéis tradicionais de homem e mulher no relacionamento amoroso: de acordo com Bourdieu (2007), a cultura mostra que as mulheres preferem homens mais velhos, assim como mais altos, para que a hierarquia dos gêneros se manifeste visivelmente no casal. Dessa forma, constitui-se uma transgressão o casamento entre uma mulher mais velha e um homem mais jovem. Mais ainda, Júlia era professora de Edgar, fato que também mostra uma quebra de hierarquia, já que ela era superior a ele profissionalmente.

Ainda nesse conto, temos a separação de Júlia e Edgar, que ocorre após uma primeira substituição de Júlia por roteiristas ingleses, que, segundo ela, “já estavam planejando desde o início tomar o seu lugar” (p. 122):

A decisão deflagrou a esperada crise conjugal. Não houve briga entre eles, nem discussão, mas um afastamento, como se fossem atirados para lugares diferentes e não soubessem mais se comunicar. Passaram a dormir separados.

Uma noite, voltando para casa, Júlia percebeu uma fresta de luz debaixo da porta de Edgar, e dentro do quarto, um silêncio suspeito. Procurou por Giovana, a assistente de direção, e não a encontrou (p. 122).

O relacionamento de Júlia e Edgar começou e terminou baseado na ligação profissional. Com a igual participação das mulheres e dos homens no mercado de trabalho, há uma tendência para a valorização individual do próprio trabalho. Isso acaba suscitando disputas e, quando o trabalho é compartilhado, provoca também a diminuição das fronteiras entre o profissional e o amoroso.

No momento em que os dois começam a trabalhar juntos em um filme, acontece uma ruptura, já que ela, como nos mostra o título “Vício de roteiro”, passa todo seu tempo dedicando-se à elaboração do texto, enquanto ele faz as filmagens.

Desde o início, a parceria parece abalar o relacionamento, o que culmina com o afastamento de Júlia do projeto. O rompimento do casamento é feito sem escândalos, rapidamente, com subentendidos. O marido de Júlia já tem uma nova companhia amorosa/sexual, o que é marca das relações pós-modernas em que há grande disponibilidade para troca.

Considerações finais

Percebemos, por meio dessa breve leitura dos contos, que ainda há uma tensão forte entre as formas tradicionais e novas de viver o amor. Ao mesmo tempo que as personagens estão inseridas no contexto contemporâneo, veem-se em conflito e em constante reflexão sobre o assunto. Contudo, as tendências a novas configurações de relacionamentos amorosos e familiares são temáticas importantes não só para o estudo sociológico e cultural, como também nos estudos literários.

Referências

- AVERBUCK, Clarah. “Psycho”. In: RUFFATO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp. 21-6.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- JARDIM, Ana Teresa. “Vício de roteiro”. In: RUFFATO, Luiz (org.). *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2005, pp. 111-22.
- RESENDE, Nilza. “Por acaso”. In: RUFFATO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp. 275-84.